



## GT 02 – EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E CULTURA

### COMUNICAÇÃO E HIGIENISMO: Educação Física, cinema e acessibilidade

Breno Santos Barbosa Magalhães<sup>1</sup>  
Nélio Borges Peres<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Corpo. Filosofia. Comunicação.

#### Introdução

Cidade de Salgueiro, sertão de Pernambuco, Brasil. No enquadramento aparece um estádio de futebol marcado pela imagem da arquibancada preta e o sol que castiga os torcedores no espetáculo. Enfileirados nas sombras das colunas, os espectadores escutam o Boca de Fogo incendiar a transmissão no rádio. O melhor comentarista da região! O futebol como nunca se viu. O filme Boca de Fogo, dirigido pelo diretor Luciano Pérez, mostra um corpo (julgado como deficiente) e sua função. Um cronista/comentarista esportivo, pode elucidar ao público o andamento de uma partida de futebol mesmo sendo deficiente visual? A fotografia em preto e branco, se restringe a não mostrar os lances da partida. O time local precisa fazer bom jogo para não ser rebaixado à Série C do Campeonato Brasileiro. Para tornar ainda mais lírico esse percurso, são feitos closes em torcedores sofrendo, agarrados ao alambrado, os detalhes nos rádios de pilha, a compra de ingressos, as anotações dos profissionais da imprensa e, claro, narrador e comentarista opinando sobre a disposição do time do Salgueiro em campo. Somente no fim do filme o espectador recebe a informação imprescindível de que o comentarista/cronista esportivo é na verdade um deficiente visual. Seu nome é Didi e ele enxerga o jogo. O Cinema afeta o esquema sensório-motor.

#### Metodologia

Diante de questões de acessibilidade e deficiências física e mental, corporeidade e psique, eugenia e reconhecimento social da pessoa singular, a pesquisa teórica na Educação Física se ocupa de conceitos produzidos na Filosofia para pensar o que é pensamento. Abordamos a educação dos corpos por meio de diálogos entre conceitos que classificam, separam, lembram, esquecem e

---

<sup>1</sup> Graduando em Educação Física Licenciatura, Universidade Estadual de Goiás – ESEFFEGO-Goiânia – GO, Brasil. Graduado em Comunicação Social Bacharelado, Faculdade Sul Americana- FASAM, Goiânia-GO, Brasil –  
E-mail: eubrenomagalhaes@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor de História na Universidade Estadual de Goiás – ESEFFEGO. E-mail: [nelinperes@gmail.com](mailto:nelinperes@gmail.com)

produzem a “novidade” na Educação Física. No âmbito da comunicação e da linguagem é quase impossível determinar o que pode um corpo naturalizado pela cultura como o corpo deficiente.

A pesquisa teórica tenta compreender relações entre Filosofia e Educação Física através da produção de conceitos espelhados pelo Cinema. Referências como Deleuze, Foucault, Nietzsche e **Espinosa** aparecem no caminho. Na direção indicada por Gallo (2007), pretendemos compreender os debates sobre processos de subjetivação através das *lentes* da perspectiva que entende que *as subjetividades são produzidas*. Contrapomos a noção de subjetividade em série no campo escolar. Tal noção reconhece que a escolarização marca os corpos através da reprodução técnica das subjetividades. O sujeito marcado pelo processo de formação escolar torna-se assujeitado ao modelo determinado pelo mercado para funcionar como prótese para si mesmo, quando o sujeito se subtrai para se adaptar ao modelo ideal de pessoa economicamente viável que lhe for apresentado como clichê.

## Resultados

Existe uma pedagogia do Cinema (ENGELMAN, 2007) que descambou em clichês psíquicos sobre a corporeidade e a psique humanas depois da experiência dos campos de concentração. Tal como atravessar um rio pisando de pedra em pedra, nossos pensamentos devem aprender a conectar os fatos para criar as imagens de sucessão de imagens que atravessam o território escolar da Educação Física e demais disciplinas. Mas o mundo contemporâneo se tornou uma civilização de imagens-clichês e a Educação Física contemporânea exige cada vez mais pensamentos pensados, mesmo os que começam a se desfazer do sistema de ações, percepções e afecções que o nutria até então. Tal como o Cinema, a Educação Física precisa produzir imagens que não sejam clichês “ou que não se tornem um rapidamente” (ENGELMAN, 2007, p. 277). Engelman explica que o Cinema já foi uma pedagogia com potencial de ensinar ao grande público sobre a necessidade de ligação dos saberes para haver um pensamento próprio da pessoa em seu corpo. Essa ideia é cara para a Educação Física, porque é uma história que nos conta que “o corpo não é mais o que separa o pensamento de si mesmo, mas, ao contrário, aquilo que deve mergulhar para atingir o impensado, isto é, a vida”, pois não sabemos o que pode ou não pode um corpo privado de sono, anestesiado em demasia, marcado por esforço repetitivo e por acumular resistências (ENGELMAN, 2007, p. 280). Talvez o corpo possa aquilo que o Cinema pode, porque o cinema se faz pelo corpo quando une a pessoa e seu pensamento.

Fatos da vida real, vividos em seu contexto, não são passíveis de inserção em ambientes controlados e tampouco nos asseguram um vetor predominante de previsibilidade. É preciso indisciplina pra lidar com as disciplinas.

O Cinema é uma fonte de conhecimento do corpo que pode chocar e, através de violências afectar o público que pararia o que estivesse fazendo pra pensar seu lugar no mundo e se posicionar contra injustiças ao invés de se manter excitado fazendo tudo rápido demais *para acabar logo* como se nada estivesse acontecendo. O horror, ao contrário, é outra forma de afecção. Diferente do choque com imagens de corpos indefesos sendo esmagados por máquinas, ele paralisa o pensamento como um assaltante que lhe rouba os pensamentos. Sem pensamentos para pensar, é como se o seu interior desmoronasse diante do horror. O impensável, o indizível, provoca a ruptura sensório-motora do homem com o mundo e o torna vidente ENGELMAN, 2007, p. 281).

A palavra deficiência é definida pelo dicionário como falta ou carência, incapacidade. A expressão “portador de deficiência” incorpora o mesmo sentido que, no caso do corpo humano, é compreendido como imagem corporal naturalizada pela cultura que a constitui como corpo real. Ao longo da monitoria da disciplina de Filosofia, onde nos cabe elevada observação e reflexão sobre o corpo, o cinema apontou um caminho diante de um “cego” que comenta o espetáculo audiovisual. A abordagem cinemática do corpo remete a limites físicos que coincidem com os compartilhados por estudantes da Universidade Estadual de Goiás (ESEFFEGO). Um aluno cego almeja se tornar o primeiro deficiente visual do estado de Goiás a se formar como professor de Educação Física e, diante dele e dos colegas, assistimos a formação de professor de educação física como quem assiste catástrofes transmitidas ao vivo. Corpos afectados por imagens de corpos que são observados pelos sujeitos da pesquisa: o corpo sentido, o olhar, o corpo pensado por predicados para si e o outro. A acessibilidade é uma condição de algo ser acessível a alguém, não exclusivamente para humanos de antropometria padrão, o que a tornaria pouco acessível para o cidadão com especificidades em particular, como tamanho, velocidade ou acuidade visual, dentre outros (BANDEIRA; ROCHA; SANTANA, 2018).

Como arte das massas, o Cinema pode destroçar a confiança na humanidade. Com um rosto sinistro, o Cinema parece possuído por uma alma que não se passa mais por filmes de ação e aventura, mas por catástrofes. Em situações de catástrofe começam a surgir coisas que não deveriam aparecer em situações de normalidade. Os corpos são uma dessas coisas que emergem com as catástrofes. Como pensar um corpo que se mostra como imagem? De repente eles aparecem diante de olhares regulados pelo gosto social. Um cego comenta partidas de futebol na rádio como quem percebe o jogo “melhor” do que os torcedores na arquibancada. Outro cego pratica atletismo e estuda

para se formar como professor de Educação Física diante de olhares normalizados pela escolarização. A relação entre Comunicação (o filme Boca de fogo) e Educação Física foi observada através do comportamento dos personagens tratados (ambos deficientes visuais). Como os corpos são vistos? Como linguagem?

A forma como o corpo percebe o mundo, se materializa na forma como se organiza o espaço em torno do indivíduo. A educação física faz uso da forma e dos conteúdos daquilo que se chama corpo. Mas qual Educação Física, a escrita? E com qual concepção de corpo? Concepções de corpo são imaginadas a partir de modelos postos pela ciência e pela religião. Existem diferentes concepções de corpo e cada uma atribui necessidades ao corpo através de predicados, como as intenções higienistas, que já existiam em práticas corporais antes mesmo de existirem professores de educação física.

O higienismo tinha como objetivo identificar os procedimentos e hábitos individuais e coletivos para a manutenção da saúde, entendida na época como ausência de doenças. Com isso, seu caráter era intimamente ligado à prevenção, mas também ao controle da proliferação de diversas doenças. Já o objetivo da eugenia era estudar a influência da herança genética nas qualidades físicas e mentais dos indivíduos. O grande precursor dessa linha de estudos na Europa foi Francis Galton. Em 1865 Galton defendeu a hereditariedade das qualidades mentais, assim como das físicas. Já em 1869, Dalton passou a defender a necessidade de melhorar as qualidades naturais dos homens. Somente em 1883 Galton criou o termo eugenia (FONTENELLE, 1940, p. 770)

Se o deficiente visual do interior de Pernambuco (Boca de Fogo) é o cronista responsável por uma partida de futebol, e o segundo deficiente (o aluno) é graduando em educação física, devemos considerar os afetos para estar na mesma posição que outros corpos, ditos “saudáveis”, que são questionados sobre sua capacidade corporal desafetada. Eles integram a questão de Espinoza, e também do conteúdo aqui abordado.

Os que escreveram sobre os afetos e o modo de vida dos homens parecem, em sua maioria, ter tratado não de coisas naturais, que seguem as leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora dela. Ou melhor, parecem conceber o homem na natureza como um império no império. Pois acreditam que, em vez de seguir a ordem da natureza, o homem a perturba, que ele tem uma potência absoluta sobre suas próprias ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio. (ESPINOZA, 2013, p.161)

Por isso a questão de Espinoza deve ser abordada: o que podem esses corpos? Notamos que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo pode e o que não pode fazer exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente (ESPINOZA: 2013, p.167).

A pesquisa teórica em andamento buscou até aqui compreender perspectivas diferentes sobre

corporeidade e psique presentes em fenômenos audiovisuais, como o cinema e através da bibliografia explorada em parte. Os resultados aqui obtidos permanecem em aberto.

## Considerações finais

143

Na esteira da formação profissional paramos por um instante diante da questão de saber se um curso de Educação Física é acessível para todos. Estudar fenômenos contemporâneos exige do pesquisador um olhar e participação no próprio contexto onde o fenômeno acontece. Estamos aprendendo a polir nossas lentes para enxergar dois deficientes visuais (o aluno e o comentarista) que afetam a percepção do estudante e do professor de educação física que enxergam o cuidar de si e o uso dos corpos para expressar sobre o que não se enxerga através dos olhos. Tentamos mostrar que a partir do olhar cinematográfico é possível pensar o pensamento sobre a deficiência visual. E ao mesmo tempo interditar qualquer pensamento à base de clichês que os substitui.

Em programas de monitoria são realizadas atividades complementares que oportunizam os estudantes a vivenciar questões educacionais. Ao longo do processo de monitoria da disciplina de Filosofia e Educação Física, pesquisamos concepções do corpo no pensamento ocidental, com o que foi possível adquirir certa compreensão as ideias contidas em histórias que nos contam sobre a educação dos corpos, tais como as que consideram que o corpo é composto por vários elementos e todos eles igualmente entendidos como a educação que acontece por cada um deles. Observamos os corpos como plataformas e comunicadores, identificamos usos de clichês e pensamentos nas aulas de Filosofia e Educação Física e as respostas dos alunos que ajudaram a compreender que, através da pesquisa teórica, o corpo e suas diversas concepções surge como necessidade de saber pensar com o corpo quando se “pensa” que a Filosofia representa uma “catástrofe” na formação de professores de Educação Física.

## Referências

BANDEIRA, A; ROCHA, C; SANTANA, V. **Acessibilidade: práticas culturais e tecnologia assistiva para a cidadania**. Goiânia: UFG, 2018

ENGELMAN, Selda. “Imagens de um cinema da imanência”. In. LINS, Daniel. **Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FONTENELLE, J. P.. **Compendio de Higiene**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1940.

GALLO, Silvio. “Em torno de uma educação voltada à singularidade: entre Nietzsche e Deleuze”. In. LINS, Daniel. **Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 3. Ed. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.